

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 5

RECORDAÇÕES DO CAMINHO: APRENDER COM O PASSADO

1. ORAÇÃO

Vinde Espírito Santo, luz e fortaleza das nossas vidas, e enchei o coração destes vossos fiéis com os vossos dons. Hoje somos interpelados com uma provocação: que todas as dificuldades com que nos deparamos na vida são um meio que nos ajuda a crescermos na fé, crendo que Deus está na nossa origem com as suas leis e preceitos. Fazei-nos compreender, Senhor, que em tudo dependemos de Vós e que nunca seremos abandonados aos nossos caprichos. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra **Deuterónimo 8,2-20**

Antes de analisarmos e rezarmos o texto acabado de proclamar, saibamos que o livro do Deuterónimo, no seu todo, nos situa num espaço e num tempo bem explícitos: depois de quarenta anos de caminhada pelo deserto, os israelitas, sob o comando de Moisés, chegam às planícies de Moab, a leste do rio Jordão, frente a Jericó. Deste modo culmina a etapa começada com a saída do Egito e vai iniciar-se uma nova, que consiste em chegar ao outro lado do rio

para tomar posse da terra que Deus prometera. Moisés reúne todo o Israel e entrega-lhe o seu “testamento espiritual”, evocando as experiências vividas em comum durante aqueles quarenta anos de prova e sacrifício, e instrui a comunidade sobre a forma de vida que deverá praticar para ser realmente o “povo de Deus”. Ao mesmo tempo adverte-o de que a fidelidade aos mandamentos e preceitos divinos dependerá a sua permanência no país que o Senhor lhes deu como herança.

Entremos, agora, no texto acabado de proclamar.

Enquadra-se num contexto histórico específico do Antigo Testamento, lembrando a saída do Egito e o percurso de quarenta anos pelo deserto, com todas as vicissitudes que lhe são inerentes. Neste texto é referido que Deus é o criador das leis e normas orientadoras do povo na sua caminhada de libertação, ou seja, os mandamentos e outros preceitos e, ao mesmo tempo, a exigência de que o povo os ponha em prática, sem esquecimento nem modificações.

Deus é aqui apresentado como Alguém que acompanhou o povo durante os quarenta anos de caminhada no deserto, o alimentou, o encaminhou e o municiou de leis e mandamentos. Mas o autor do texto explicita uma particular intenção: «foi para te humilhar, foi para te experimentar, para conhecer o teu coração e ver se guardarias ou não os seus mandamentos». Dito por outras palavras, «para te educar como um pai educa o seu filho». Duas vertentes: a humildade e a educação. Mas há outra afirmação no texto que não podemos esquecer: «O Senhor teu Deus vai introduzir-te numa terra ótima, terra de torrentes de água, de fontes e de nascentes profundas que jorram por vales e montes; terra de trigo, cevada, uvas, figos e romãs; terra de azeite e mel; onde comerás pão com segurança, onde nada te faltará. Comerás e ficarás saciado, agradecendo ao Senhor teu Deus pela terra ótima que te deu». Logo a seguir recorda: «Toma cuidado em não esquecer o Senhor, observando os seus mandamentos, preceitos e leis... não suceda que o teu coração se torne soberbo e te esqueças do Senhor». Tomar cuidado, estar atento, recordar, não esquecer – é sempre a preocupação em não se degradar a relação entre Deus e o povo.

Esta forma de se expressar realça o objetivo teológico da mensagem, de forma a que permaneça no ouvido dos judeus que irão ser introduzidos numa terra ótima onde comerão e ficarão saciados – desde que observem os seus mandamentos e agradeçam os benefícios do Senhor, sem nunca se tornarem soberbos nem seguirem os ídolos dos gentios. Mais: sem nunca confundirem os bens materiais (que levam ao orgulho) com os bens espirituais (que acarretam maiores dons de Deus).

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

O tema n.º 5 do Estudo deste ano pastoral – este que estamos a refletir – tem por título “Recordações do caminho: aprender com o passado”. É uma chamada de atenção para os valores históricos que compunham a nossa comunidade, a educação religiosa que os nossos familiares nos transmitiram e as vivências pessoais em que tudo isso se fundamentou. Talvez seja bom um pequeno esforço em pensar em que tal fundamento se alicerçou: e, de certeza, iremos encontrar as lições de catequese e os exemplos vividos pelos nossos antepassados. O ambiente religioso era uma realidade. Não estranhemos que, no tempo de Moisés e nos séculos consecutivos aos quais o livro do Deuterónimo se refere a ideia seja a mesma: recordações do caminho. O passado é uma grande escola de vida. É tanto mais necessário recordar que a vida é uma caminhada difícil quanto mais se pretende anular, nos tempos atuais, tudo o que seja história! A insistência com que no texto bíblico é repetida a ideia de que o povo judeu deveria recordar a sua caminhada difícil pelo deserto e, conseqüentemente, aprender com o passado é o pano de fundo de toda a leitura que foi feita. Quer dizer: está em causa a virtude da fortaleza que deveria acompanhar o povo. Esta fortaleza implica esforço, sacrifício, renúncia. Faz lembrar o que Jesus, muito mais tarde, dirá quando chama verdadeiros discípulos aos que “renunciam aos seus bens e tendências”, “tomam a cruz todos os dias” e “O seguem”. Numa aplicação direta aos tempos atuais, utilizando o contraditório, damo-nos conta de que uma das nossas

grandes deficiências é a fragilidade da vontade, o apego a tudo o que agrada e convém, a abstinência da renúncia, a colocação da própria cruz às costas dos outros e, em vez de O seguir, preferimos abstrair d’Ele. É o mesmo que fugir ao “deserto” por onde Deus nos quer conduzir, é a oposição às suas leis e preceitos. Batemos o pé caprichosamente para que sejam outros a fazer o que queremos que aconteça. Preferimos viver sem constrangimentos nem dificuldades. Tudo isto é capricho, não é força de vontade. E muito menos é Fortaleza. Se fosse Fortaleza, saberíamos encarar os obstáculos de duas formas: ou como uma pedra de tropeço ou como um degrau de subida em ordem à perfeição. Encarada como pedra de tropeço, saberíamos ultrapassá-la; como degrau de subida, saberíamos que as dificuldades nos fariam crescer no autodomínio e na paciência.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Neste momento, somos convidados a refletir sobre um elemento que nos ocupa demasiado: a preferência em não ligar aos mandamentos nem a qualquer norma que venha da boca de Deus. Preferimos viver à moda pagã. Inicialmente, o termo pagão designava aquele que morava no campo, longe da civilização e do progresso – em oposição a quem morava na cidade. É o que os franceses chamam, depreciativamente, paysan, campesino, aldeão – e a quem, no nosso trejeito velhaco, apelidamos de campónio, inculto, ignorante. No princípio, nada tinha de conotação religiosa. Só mais tarde, a partir do século IV, é que ganhou essa conotação. No tempo do Imperador Constantino, por terem terminado as perseguições aos cristãos e terem começado as catequeses e evangelizações no «campo», levadas a cabo pela pregação dos frades e dos monges, o termo pagão passou a ter a conotação pejorativa de não cristão, não batizado, gentio. E assim se conservou durante muitos séculos, até que, de há cem anos para cá, passou a designar os adeptos das religiões não monoteístas e também o mundo crescente dos sem religião em terras da velha cristandade. O termo pagão presumia e presume superstição e crenças em deuses e ídolos. É

por isso que, na atual linguagem religiosa, há equivalência de significados quando se diz pagão, laico, agnóstico e ateu, abrangendo tanto os que se consideram sem religião, como os que perderam o sentido cristão da vida, como também os que se alhearam das práticas litúrgicas do catolicismo. Os últimos documentos oficiais da Igreja dizem que os pagãos ocupam o «átrio dos gentios», por viverem à margem da Igreja.

O mundo europeu contemporâneo está cheio de pagãos – os átrios dos gentios estão repletos. De entre as muitas razões para explicar este fenómeno, sobressaem as deficiências e os pecados sociais dos cristãos. Por isso, o paganismo está patente na cada vez mais generalizada atitude vivencial em que tudo acontece, tudo se delineia, tudo se projeta, como se Deus não existisse. Nega-se o valor da Sua intervenção na conduta humana, e vive-se habitualmente em função de um sistema de valores do qual Ele está ausente. Este paganismo é equivalente à “indiferença religiosa”, ao “católico não praticante”, ao gnosticismo científico e ao agnosticismo moral. E caracteriza-se como uma atitude pragmática, ideológica, cultural, permissiva, tolerante, presente na procura desesperada de sensações novas e na afirmação pessoal de liberdade individual. O curioso de tudo isto – estamos no século XXI! – é que continua a manifestar-se com cara “religiosa”, idolátrica, vivendo de crenças e de credices. O homem atual não é inocentemente pagão. É provocantemente idólatra. Preocupado com a preservação dos “santuários naturais”, atraído pelas divindades anteriores à implantação do cristianismo, imiscuído nas doutrinas esotéricas antigas e atuais, enlouquecido com as novas divindades do futebol e das drogas, crenteiro em demasia, anda baralhado até ao âmago de si mesmo.

O atual paganismo é essencialmente laico. O laicismo está na moda e apresenta-se como uma doutrina que, unilateralmente, rejeita a influência da religião na esfera do Estado. Quem percorre algumas páginas da história europeia desde o século XVIII, logo se dá conta da força racionalista e do enciclopedismo ateu presente no ideário da Revolução Francesa (1789), tendo, no Romantismo e no Realismo as suas testas de ferro. Mas foi pela ação da maçonaria e pelo influxo das ideias comunistas que o laicismo teve o seu auge

no fim do século XIX. Tornou-se iluminista e deu origem à Modernidade, na qual Deus é rejeitado como origem do poder e de qualquer lei. Também foi a era do capitalismo industrial e do crescimento económico ilimitado. O otimismo de que se orgulhava, face ao futuro, tinha por base a certeza absoluta de que o progresso das ciências, da tecnologia e da razão solucionariam todos os problemas humanos – porque o que fazia falta à humanidade era o progresso económico e político. Acontece que o castelo de cartas da Modernidade começou a ruir logo na primeira metade do século XX. O racionalismo tornou-se irracional. A industrialização criou armas e desembocou nas duas grandes guerras. Logo a seguir, o bloco das nações comunistas desenvolveu outro totalitarismo. A partir daí, explodiu a destruição ecológica da Terra e, atualmente, sofremos com o fundamentalismo terrorista da jihad islâmica.

E chegamos ao momento crucial da iluminação da vida pela Palavra.

Tentemos dar respostas pessoais às questões com que somos confrontados:

- Em que se nota paganismo na nossa forma de viver?
- Em que se nota laicismo na nossa forma de pensar e de reagir?
- Quais as nossas principais reações ao cumprimento dos mandamentos?

5. ORAÇÃO

Senhor Deus, temos a sensação de que o ambiente ideológico que nos rodeia é muito atraente e possui demasiados motivos para nada querermos contigo. Os ídolos perturbam-nos a mente. Nós, pessoas de fé, queremos permanecer no cumprimento dos vossos mandamentos. Com a vossa graça e constante auxílio venceremos.

Pai nosso...